



Ser Professor: Entre Desafios e Possibilidades de Atuação

Fábia Janaína Marciel da Silva¹; Aldenir de Araujo Saraiva²

Resumo: Este artigo traz uma pequena análise das dificuldades verificadas no cotidiano do trabalho do professor, desde os contextos pessoais, como aqueles que podem ser analisadas nas práticas do processo educacional, mais especificamente no ambiente de planejamento, de formação e de sua prática pedagógica, analisando alguns aspectos voltados à sua atuação, bem como a relação que existe entre o trabalho do professor com seu perfil pessoal, que engloba aspectos individuais, sociais, ligados à sua profissão, descrevendo como o empenho pessoal e a luta pela valorização da sua profissão influencia seu reconhecimento profissional. Da mesma forma que destaca a relação entre sujeito de aprendizagem com o ensino de forma a melhorar o andamento deste processo que não é unilateral, e sim, dinâmico e coletivo.

Palavras-chave: Professor, Dificuldades pedagógicas, Valorização profissional, Aprendizagem.

Being a Teacher: Between Challenges and Possibilities of Performance

Abstract: This article presents a small analysis of the difficulties observed in the teacher's daily work, from personal contexts, such as those that can be analyzed in the practices of the educational process, more specifically in the environment of planning, training and its pedagogical practice, analyzing some aspects related to his performance, as well as the relationship that exists between the teacher's work and his personal profile, which encompasses individual, social aspects, linked to his profession, describing how personal commitment and the struggle for the valorization of his profession influences professional recognition. In the same way that it highlights the relationship between learning subject and teaching in order to improve the progress of this process that is not unilateral, but dynamic and collective.

Keywords: Teacher, Pedagogical difficulties, Professional development, Learning.

Introdução

Ao falarmos sobre a profissão de professor, sente-se uma necessidade constante de destacar seu importante papel no ensino e no processo de aprendizagem. Sua presença é essencial, embora seu brilho tenha ficado constantemente opaco. É um profissional importante, porque cabe ao mesmo ser agente de contextualização, de provocar nos alunos um interesse

¹ Mestranda em Ensino de História UFRJ-URCA. Email: janainamarciel@gmail.com;

² Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Portugal. Email: denirsaraiva@yahoo.com.br.

pelo saber, de colocá-los diante das situações cotidianas e possibilitar aos mesmos uma assimilação constante do mundo a sua volta, de fazer a interligação dos fatos sociais e cotidianos com sua vida, até de orientá-los na produção de sua própria história. Ao mesmo tempo, vê-se que a profissão não oferece subsídios para que ele encontre um campo educativo satisfatório. Segundo a concepção de Cerri sobre a formação do professor, que pode ser aplicada no contexto geral de formação destes profissionais:

O contexto atual da formação de professores (...) continua marcado pelas dificuldades, falta de verbas e problemas sérios nas condições de trabalho dos professores formados. As más condições de trabalho e os insuficientes investimentos em educação ainda afastam os jovens mais talentosos da escolha do magistério como carreira a seguir. (CERRI, 2013, p. 180)

Muitos são os aspectos para que tais dificuldades sejam observadas, alguns deles estão ligados a sua rotina cansativa, a falta de apoio no desenvolvimento de projetos, ou de novas idéias, a burocracia das escolas, um currículo longo a ser cumprido, as péssimas condições salariais, falta de interesse e de perspectivas de muitos discentes, dentre outros tantos motivos. Segundo Schmidt:

Há muito se fala da rudeza do ofício de professor (...), seu cotidiano é preenchido com múltiplas tarefas: seu tempo de viver é fragmentado, dilacerado pelas preocupações muitas vezes contraditórias entre sua profissão, família e progresso cultural. (SCHMIDT, 2017, p. 55)

Enfrenta-se uma desvalorização do ensino, que coloca o professor constantemente em cheque com sua própria profissão, e o mesmo, muitas vezes ainda depara-se com a falta de interesse dos alunos em aprender, em colocar-se presente e atuante diante do meio que lhe cerca, reconhecendo seu importante papel no fazer diário da sociedade. O professor vê diante de si um número grandioso de alunos, cada qual com suas especificidades, seus anseios e interesses, muitas vezes muito divergente das propostas que serão vistas na escola. Para Guimarães: *“ensinar é confrontar-se, cotidianamente, com a heterogeneidade e partilhar saberes.”* (GUIMARÃES, 2012, p115).

Essa heterogeneidade muitas vezes dificulta uma escolha metodológica que abranja às necessidades da maioria da turma, ou que atenda a cada um em suas especificidades. Claro que sabemos que o conhecimento não alcança a todos da mesma forma, mas diante das novas exigências educacionais, o professor sente a cobrança cada dia mais real de tentar nivelar o máximo possível o conhecimento curricular da turma para que a mesma possa alcançar bons resultados, seja em provas, testes e avaliações externas, que tem um peso sobre a colocação da escola diante dos números e das metas esperadas por cada unidade escolar.

Observa-se que o ensino e a relação do profissional com este trabalho envolvem também muita dedicação, criatividade, bom senso e uma dose extra de gosto pela profissão, não dá mais para ser professor por condicionamento. É preciso ter gosto pelo que faz, caso contrário torna-se um castigo pessoal fazê-lo, pois não é uma tarefa fácil. É preciso um pouco de prazer e de satisfação ao exercer esse ofício, pois ao ser praticado diariamente exige muito do nosso pessoal, dentro do nosso profissional. Não existem figuras distintas entre “o que eu sou e o que eu exerço”. O que eu faço, enquanto professor traz uma série de características ligadas à minha personalidade, como nos diz Tardiff e Raymond:

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela tornou-se- aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros- um professor, com sua cultura, seu éthos, suas ideias, suas funções, seus interesses. (2000, p. 210).

O profissional aprende com a prática, e constantemente aprende e se renova. O ensino é uma construção diária, é uma tarefa permanente. Como diz Guimarães:

No exercício da profissão, na prática, na experiência da sala de aula, o professor também aprende e se forma. A formação é permanente e complexa. A identidade profissional docente é definida social e historicamente. Como é bastante óbvio, mas ainda assim, gosto de repetir, ninguém nasce professor, mas torna-se professor. É um processo inacabado. (GUIMARÃES, 2012, p. 114)

Quando fazemos referência aos diferentes saberes que fazem parte da vida profissional do professor, na perspectiva de Tardiff e Raymond, esses saberes:

São temporais, pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, ao longo de um processo cultural de vida profissional de longa duração na qual intervêm dimensões identitárias, dimensões de socialização profissional e também fases e mudanças. A carreira é também um processo de socialização, isto é, um processo de marcação e de incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas das equipes de trabalho. Ora, essas equipes de trabalho exigem que os indivíduos se adaptem a essas práticas e rotinas, e não o inverso. Do ponto de vista profissional e da carreira, saber como viver numa escola é tão importante quanto saber ensinar na sala de aula. Nesse sentido, a inserção numa carreira e o seu desenrolar exigem que os professores assimilem também saberes práticos específicos aos lugares de trabalho, com suas rotinas, valores, regras e etc.(TARDIFF; RAYMOND, 2000, p. 217)

Ao tornar-se professor será preciso preparar-se para saber lidar com todos esses desafios. Sim, desafios! A educação no Brasil é um grande desafio, é preciso coragem, fundamentação teórica e preparo, pois há mais motivos para desencorajar do que para lançar-se a frente. Lançar-se na busca de fórmulas para que o trabalho se torne menos rude tem sido uma constante na vida profissional do professor.

Segundo Tardiff e Raymond (2000), os saberes e fundamentos básicos do ensino estão ligados à vida pessoal do professor, sendo eles a um só tempo: *existencial*, na medida em que o professor pensa com sua própria cabeça e ao mesmo tempo com a sua vida, trazendo muito da sua experiência acumulada. *Social*, pois advém de várias fontes, de sua própria vivência, de sua família, dos grupos de seu convívio, adquiridos nos diversos espaços sociais freqüentados por ele, e *pragmático*, por estarem ligados, tanto ao trabalho, quanto à pessoa que exerce esse trabalho. Para os autores:

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados, provenientes de fontes variadas, às quais podemos supor que sejam também de natureza diferente. (TARDIFF; RAYMOND, 2000, p. 213).

Nesse processo de ser professor e desempenhar bem o seu trabalho tem muito do social, da vivência de cada um, não tem como desvincular sua personalidade da profissão, muitos dos nossos fundamentos pessoais estão imbuídos no fazer pedagógico, as experiências de vida, o meio em que se insere está constantemente sendo utilizado para nos definirmos enquanto profissional. Segundo Selva Guimarães: (2012, p. 116):

Na construção da identidade profissional cada um ensina e desenvolve um modo próprio de ensinar e aprender. Uma mescla dinâmica, de gosto de saberes plurais, experiências e acasos consolida, no decorrer do tempo, concepções e comportamentos que identificam a maneira própria de ensinar de cada um dos professores.

Outros problemas que merecem ser analisados estão relacionados às dificuldades verificadas em sua própria formação profissional, no que é planejado para ser trabalhado, e que por muitas vezes o professor não tem acesso nem aos recursos básicos para preparar sua aula. A realidade de muitas escolas públicas é cruel, não existe um suporte pedagógico adequado, nem mesmo recursos materiais que colaborem para se realize um trabalho mais satisfatório.

Algumas dessas dificuldades foram analisadas por Guimarães (2012) em seus estudos sobre a formação do professor, dentre eles a autora destaca: o aumento das exigências que são feitas sobre o professor, dentre elas, além do contexto de dentro da sala de aula, os problemas trazidos pelos alunos, as questões psicológicas deles, os problemas familiares sentidos dentro da sala de aula, a falta de integração da escola com a comunidade, todas elas cobradas, mas que geralmente não vêm acompanhadas de melhorias de condições de trabalho.

Não há dúvidas que se exerce a profissão de professor anexada a muitos conflitos, sejam eles profissionais, pessoais, de carreira. Para Caimi (2006, p. 29):

A docência constitui, sem dúvida, uma atividade complexa e multifacetada, para a qual não se aplicam respostas de manual. Para diminuir os riscos de praticismo, individualismo e modismo, a formação do professor reflexivo, pesquisador precisa estar ancorada em outros pressupostos que não apenas a reflexão sobre a prática.

Esses outros pressupostos que não terminam somente na reflexão, pois esta precisa estar alicerçada em um planejamento de resultado prático sobre aquela reflexão para que haja uma mudança no cotidiano.

Outro ponto diz respeito à formação da consciência histórica e social dos alunos, que não deveria se dá apenas na escola, mas eles deveriam criá-las no seu contexto de vida, de história própria. Ao se referir ao ensino e sua função prioritária, Selva Guimarães nos diz que em primeiro lugar:

Seu papel central é a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, potencializando a intervenção social, a práxis individual e coletiva. A segunda é ter consciência de que o debate sobre os significados de aprender e ensinar (...), processa-se sempre, no interior das lutas políticas e culturais. Logo, é por meio da reflexão permanente que podemos desvendar a lógica das relações que envolvem tanto à produção quanto a difusão de saberes e ideias, desvelando limites e possibilidades, desejos e necessidades historicamente construídos. (GUIMARÃES, 2012, p. 144)

Embora a autora (GUIMARÃES, 2012), verifica que cada vez mais a família se afasta dessa responsabilidade e até mesmo do convívio com as crianças e adolescentes, por questões de trabalho e mesmo de desinteresse, muitos ainda pensam que a responsabilidade da aprendizagem está apenas na escola, se isentando dessa obrigação. Sendo assim, o ambiente escolar seria o responsável por tentar desenvolver nesses alunos essa necessidade extremamente necessária de desenvolver uma consciência de si, no mundo, ao desenvolver essa consciência, o aluno teria a capacidade de ao defrontar-se com problemas rotineiros, ou até mesmo outros que exigem uma carga de conhecimento maior, onde se exige poder de decisão, ele aprenderia a refletir sobre os mesmos, sendo e agindo como entidade histórica e social que é.

Essa percepção de sua importância no processo de ensino-aprendizagem é fundamental. Não existe uma só parte trabalhando em prol do conhecimento, é preciso que o estudante se perceba com agente aberto ao conhecimento e que dê possibilidades para que isso aconteça. Como nos diz Jaime e Carla Pinsky (2016, p. 21):

Cada estudante precisa se perceber como sujeito histórico e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos.

É dessa percepção, enquanto sujeito histórico, atuante e consciente do papel que outros desempenharam para que ele estivesse aqui, no presente, que nasce essa consciência a ser

desenvolvida na educação e na vida, fundamental na movimentação do homem em busca de ser protagonista de suas ações diárias e em suas colocações sociais.

Outro ponto a ser considerado neste processo, é o desenvolvimento dos meios de comunicação que trouxe um aceleração no seu uso inquestionável e que modificou as relações sociais e de aprendizagem. Dificilmente encontramos estudantes que não utilizam um recurso tecnológico ligado à difusão de informações, e como consequência, as informações nos chegam mais rápido e sem filtro. Como falta essa consciência histórica, essa margem de reflexão pessoal sobre os fatos, dificilmente se analisa ou reflete sobre as coisas, a urgência observada é só de repassar. Esse é outro grande problema a ser enfrentado pelo ensino: saber, da melhor maneira possível lidar com os fatos instantâneos, procurar meios de interpretá-los, nem jogá-los unicamente sem fundamentação. É necessário saber lidar com essa série de acontecimentos do presente, que impactam nosso cotidiano e que precisamos refletir sobre eles, na tentativa de melhor compreendê-los. É preciso, então rever as fontes históricas e as melhores formas de trabalhar com elas.

A diversidade de concepções de educação, a falta de consenso sobre objetivos e valores que a escola deve fomentar, a falta de interação entre os currículos, a prática da formação continuada sem que os professores tenham abertura para debater os temas, ou possibilidades de transformar o debate em realidade trazem essas dificuldades para o ensino.

Verifica-se também o aumento das responsabilidades de pontos de vista divergentes, isso faz com que o professor não saiba como definir suas propostas de trabalho, dificultando a identificação de sua linha de atuação, causando dificuldades de se trabalhar diferentes metodologias, não sabendo ele, por muitas vezes, se orientar frente às mudanças impostas pela modernidade e pelo ensino. Mudanças nos conteúdos, onde se pergunta: que história ensinar? Que livros didáticos são mais adequados? Geram situações de insegurança, de receio, e até mesmo de insatisfação com a sua profissão. A falta de material pedagógico nas escolas, ou mau uso dos recursos necessários à prática didática, muitas vezes o próprio professor tem que comprar materiais com o seu salário de quiser se utilizar de uma material mais favorável ao desenvolvimento de sua aula, isso não é um caso isolado, é uma realidade observada em vários ambientes educacionais.

Mas, óbvio que existe esse anseio, que sobrevive na prática, de todo bom professor, de fazer dar certo, de tentar o máximo possível, dando ele o melhor de si mesmo para o alcance desse objetivo. É lá no trabalho cotidiano que o professor demonstra, apesar de todos os embates profissionais e pessoais que ele enfrenta que procura fazer o melhor na profissão que escolheu

para exercer. É através de uma aula que o aluno desenvolve a interação necessária entre saber e atuar, onde ele adquire as ferramentas necessárias para tornar-se um sujeito crítico, e modificador de sua própria realidade.

Esse conhecimento que o professor transfere e que tenta, da melhor maneira possível socializar, vai fazer uma grande diferença na vida de quem o assimila. Óbvio, que é realmente necessário um esforço de ambos os lados, mas, é na esperança de um retorno da aprendizagem que este professor cresce e se enobrece na sua atuação.

Na concepção de Cerri: (2013, p. 180):

O desafio da mudança na formação docente no Brasil, diante de sua tradição, vai muito além de mudanças curriculares, de ementas e cargas horárias de disciplinas, de alocação de programas em tal ou qual departamento ou faculdade. Trata-se de promover a mudança mais difícil, que é a mudança cultural, e fazer frente a concepções e posições pedagógicas aprendidas e ensinadas por muito tempo como as únicas válidas.

Nessa perspectiva do autor, o ensino, que se alargou em possibilidades, procura não somente seguir o que preceitua o currículo, como também adentra no campo das possibilidades culturais, sociais, pessoais do professor, de forma a abranger também as possibilidades de aprendizagens múltiplas dos alunos.

Para Selva (2012, p. 137):

Hoje, busca-se a superação da dicotomia forma/conteúdo, uma vez que não é possível conceber uma metodologia de ensino deslocada de produção de conhecimento específico. Logo, o que busca é a superação do individualismo e a compreensão da totalidade do ato de conhecer. Saber alguma coisa não é o suficiente para o ensino; é preciso saber ensinar e criar condições concretas de aprendizagem.

Compreendemos então a existência de muitas possibilidades de reflexão e de mudança da prática pedagógica, que envolve todas essas discussões feitas até agora. A busca de estratégias de melhoria de ensino e do exercício da profissão de professor adentra múltiplos caminhos, todos eles se imbricam nessa tentativa de ampliar a visão, os caminhos, para melhorias na condição de ser professor e de desenvolver um bom trabalho, todos os aspectos pessoais, profissionais, sociais estão envolvidos nessa busca.

Considerações Finais

Apesar de todos os embates verificados na vida e carreira do professor sabemos da importância que ele desempenha na vida e na aprendizagem dos alunos. Sua tarefa é árdua e

difícil, mas também bela e significativa. Saber contornar essas dificuldades apresentadas não é tarefa fácil, mas na Educação brasileira nunca foi. São muitos os desafios. É preciso coragem e muito trabalho para retirar o opaco de sua profissão. Ser professor nesse país exige fôlego e dinamismo, e o ensino esse prazeroso, dinâmico, social, esse amplo e inovador, que se espera constantemente, não acontecem sem seu empenho.

Perceber seu trabalho como um desafio que precisa ser amplamente discutido na busca de soluções que venham de encontro à evidência de um trabalho mais prazeroso, leve, e coletivo, pois envolve o retorno por parte de quem se espera aprender, essa é uma tarefa importante e urgente. A atuação do professor, sua valorização profissional precisam está constantemente em busca de melhorias. É uma figura, mais do que nunca necessária para tentar alcançar as mudanças que se esperam tanto na melhoria da qualidade educacional do país, como na esperança que se pretende sempre viva, na cabeça e no futuro de cada educando.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem história? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de história. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2006.

CAINELLI, Marlene. BARCA, Isabel. A aprendizagem de História a partir da construção de narrativas sobre o passado. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 44, 2018.

CERRI, Luis Fernando. A formação de professores de História no Brasil: antecedentes e panorama atual. **História e histórias**, Brasília, vol. 01, nº 02, 2013.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2016.

RAYMOND, Danielle. TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do no magistério. **Revista Educação e sociedade**, ano XXI, nº73, dez. 2000, pág. 209 a 244.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da Educação**. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2017.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Fábila Janaína Marciel da; SARAIWA, Aldenir de Araujo. Ser Professor: Entre Desafios e Possibilidades de Atuação. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 427-435. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 09/02/2020;

Aceito: 12/02/2020.